



POVO MACUXI: RELATOS CULTURAIS E POLÍTICOS DA COMUNIDADE INDÍGENA CENTRAL, UIRAMUTÃ-RR

MACUXI PEOPLE: CULTURAL AND POLITICAL REPORTS OF THE CENTRAL INDIGENOUS COMMUNITY, UIRAMUTÃ-RR

Fredson Antônio Souza da Silva – UNIR– Porto Velho – Rondônia – Brasil
fassilva1996@gmail.com

Josué da Costa Silva – UNIR– Porto Velho – Rondônia – Brasil
jcosta1709@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho é resultado de uma visita à comunidade Central, na Terra Indígena Raposa Serra do Sol, localizada no município de Uiramutã, Roraima. Temos como objetivo demonstrar as diferentes relações da comunidade em destaque com a sociedade que a envolve, suas visões de mundo, o modo de viver do povo macuxi enquanto povo que sofreu contatos conflituosos com os não indígenas (posseiros, fazendeiros, garimpeiros), além da visão política que a comunidade possui. Os autores Santilli (1997), Kopenawa (2015), Bethonico (2020) são teóricos que contribuem com a história, visão de mundo e sobretudo às questões políticas e territoriais do povo macuxi. As entrevistas com alguns moradores e as experiências adquiridas durante a visita compõem os elementos que demonstram os processos pelos quais a comunidade Central passou. Durante a pesquisa, percebemos que o povo macuxi da comunidade em questão é coesa, tem lutas políticas, é resiliente e procuram manter seus costumes, apesar da cultura de massa já estar presente no seu cotidiano.

Palavras-chave: Povo Macuxi, Comunidade Central, Modo de Vida, Relatos Políticos.

ABSTRACT

This work is the result of a visit to the Central community, in the Indigenous Land *Raposa Serra do Sol*, which is located in the municipality of *Uiramutã*, Roraima. The aim is to report on the relationships of the highlighted community with the society that surrounds it, their views of the world, the way of life of the Macuxi people as a people who suffered conflicting contacts with non-indigenous people (squatters, farmers, miners), in addition to the vision policy that the community has. The authors Santilli (1997), Kopenawa (2015), Bethonico (2020) are theorists who contribute to the history, worldview and political and territorial issues of the Macuxi people. The interviews with some residents and the experiences acquired during the visit make up the elements that demonstrate the processes that the

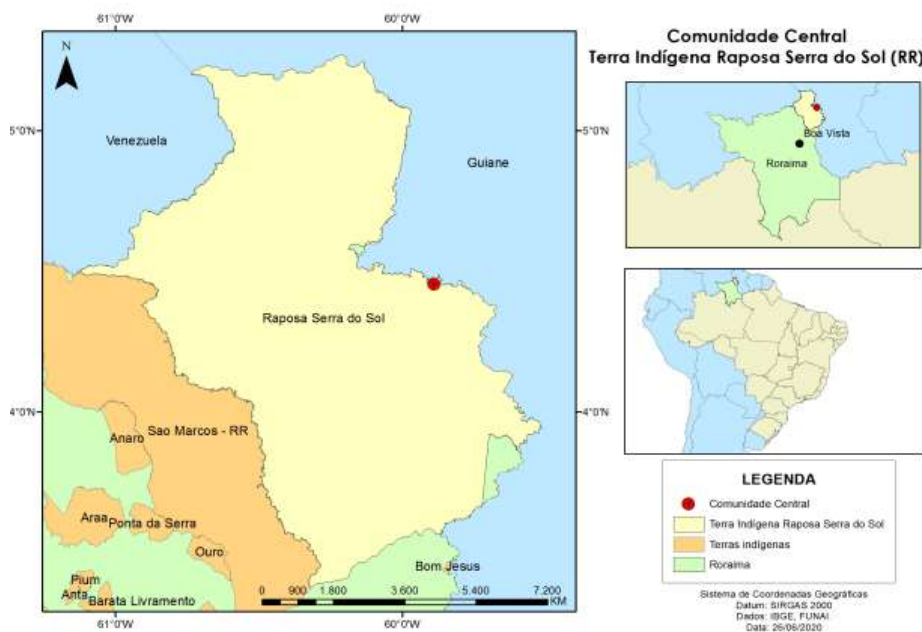
Central community went through. In this work, we realize that the Macuxi people of the community in question are cohesive, have political struggles, are resilient and seek to maintain their customs, despite the mass culture already being present in their daily lives.

Keywords: *Macuxi* People, Central Community, Way of Life, Political Reports.

INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto de uma visita realizada na comunidade Central (figura 1), no município de Uiramutã-Roraima. O povoado é de difícil acesso, fica no domínio dos planaltos guianense e com uma paisagem exuberante.

Figura 1: Localização da comunidade Central.



Fonte: Autores, jun 2020.

Neste trabalho, procura-se destacar a história da comunidade, seus costumes e a influência que a mesma sofreu com o contato que teve com os brancos que chegaram na forma de garimpeiros e criadores de gado bovino. As interferências sofridas não só pela comunidade em questão, mas também por outras comunidades da região despertam curiosidades no campo geográfico no sentido cultural, principalmente no modo de vida. O propósito é demonstrar mudanças na forma de trabalhar, de cultivar, de observar a própria história do ponto de vista do povo macuxi que se procurou evidenciar as narrativas dos entrevistados.

Para Bethonico (2020), uma das formas do povo macuxi de superação do desgaste cultural que sofreu, é demonstrar o protagonismo diante da exposição do seu modo de viver. Tal protagonismo se materializa em forma de entrevistas que os mesmos cederam, muitos não aceitaram se identificar e por isso fizemos uso apenas das iniciais dos nomes em forma de siglas. Como veremos adiante, a comunidade tem quantitativo populacional consideravelmente baixo, com 22 pessoas. No entanto, a história que eles carregam contrasta com o tamanho da comunidade. É uma comunidade que sempre esteve em migração (mas que aparentemente se estabilizou).

A história do povo macuxi está sob a diretriz de Santilli (1997), onde demonstra de forma objetiva a história dos mesmos. Os relatos sobre a comunidade são feitos pelos próprios integrantes. Aborda-se de modo superficial questões políticos-territoriais onde foi possível observar a importância do poder público para a manutenção das terras da comunidade e dos indígenas da Raposa Serra do Sol.¹

Como resultados dessas interações, nota-se que a comunidade Central tem influência na região, principalmente por estar em uma posição estratégica (fronteira) onde há uma ausência do Estado, que é “substituída” pelas ações, observações e “vigilância” desta comunidade. Do ponto de vista cultural, observa-se que eles mantêm seus costumes alimentares e religiosos, apesar do contato constante com culturas diferentes. Há, portanto, uma resiliência da comunidade que se demonstra através da política e do seu modo de viver.

As seções desse artigo estão distribuídas em procedimentos metodológicos (é apresentado a visita de campo, o método adotado para construir o texto e a pesquisa bibliográfica), em cinco títulos que compõem o desenvolvimento principal do trabalho e apresentam o povo macuxi, a comunidade Central e suas respectivas características culturais e políticas (Quem são os macuxi; A comunidade Central; A vida na comunidade Central; Cotidiano, festas e religião na comunidade Central; A questão política na comunidade Central e arredores) e pela Considerações finais que retoma as questões

¹ A Terra Indígena Raposa Serra do Sol foi homologada por Decreto Presidencial, em 15 de abril de 2005, com uma extensão de 1,743 milhão de hectares. Ali vivem 18.530 indígenas dos povos Makuxi, Wapichana, Ingaricó, Taurepang e Patamona. (TAVARES; ROSHA, 2008, p. 9).

culturais e políticas discutidas durante todo o texto, apresentando um discurso analítico sobre tais questões que são sensíveis tanto ao povo macuxi quanto para instituições (como o Estado) que procuram viabilizar um convívio adequado e digno.

Procedimentos metodológicos

Inicialmente se realizou uma visita na comunidade indígena Central nos dias 06 a 17 de janeiro de 2020 onde foi possível experienciar o cotidiano dos moradores e obtermos os diálogos que contribuíram para a construção deste trabalho. Adotamos a oralidade como fonte para expressarmos em certo nível a experiência que adquirimos e compartilhamos junto ao povo macuxi da comunidade Central. A oralidade no trabalho qualitativo-descritivo como este é de suma importância pois há a possibilidade de se contar fatos vividos, pelo diálogo, com a finalidade de transmitir significado. (ALMEIDA, 2020, p. 43).

Foram realizadas pesquisas bibliográficas para fins de definições de conceitos e principalmente para adentrarmos cientificamente nas histórias do povo macuxi, origem, localização, entre outros. Realizamos pesquisas em periódicos, banco de teses e dissertações do Brasil, com ênfase para o da Universidade Federal de Roraima.

Quem são os Macuxi

Para Santilli (1997), o povo macuxi é uma dentre outros povos que ocupam o que atualmente é a fronteira entre Brasil e Guayana Inglesa desde ainda o século XVIII. Faz parte do tronco linguístico Karib. Ainda segundo o autor, no período entre 1890 a 1950 quando o contato com os não indígenas ainda não era intenso, as mudanças mais bruscas que ocorriam no sentido cultural e territorial eram entre os povos da região (Patamonas, Wapichana, Ingarikó) muitas vezes por conta dos conflitos entre eles.

Passados séculos, as incursões feitas por não indígenas veio a modificar de forma intensa o comportamento e conseqüentemente a cultura do povo macuxi e de outros povos da região. Para Santilli (1997), os garimpeiros e posseiros foram um dos primeiros grupos a fazerem tal modificação. Sendo assim, as relações culturais e de

comportamentos dentro dos territórios indígenas da região deixaram de ser consequências dos conflitos dos próprios indígenas para serem causados pelos não indígenas ao nível de religião, modo de se vestir, modo de falar, enfim, nos seus modos de vida. E não foi somente o povo macuxi que sofreu tal mudança, mas também os outros povos como aqueles já citados.

No trabalho intitulado *A queda do céu*, Kopenawa e Albert (2015) apresentam um texto que se aproxima da realidade da comunidade em questão, ainda que de forma distante já que tais autores falam do povo yanomâmi. Tal aproximação se refere ao avanço da sociedade não indígena sobre a terra indígena Raposa Serra do Sol e consequentemente sobre a comunidade Central. Numa passagem, Kopenawa e Albert (2015) relatam que o pavor dos brancos era enorme, pois, há muito tempo “Os antigos se lembravam da Comissão de Limites já tinha levado com eles crianças yanomâmi, quando, antigamente, subiram o rio Mapúlau pela primeira vez”. (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 243). Assim como o xamã yanomâmi descreve, os mais velhos moradores macuxi também relatam seus primeiros contatos com os não índios que avançaram nas décadas de 1960 em diante. Esse avanço se deu de forma conflituosa e desrespeitosa, segundo os moradores.

Ciente desses contatos, Bethonico (2020) faz um estudo abordando questões territoriais e culturais do povo macuxi. Ela trata das atividades desenvolvidas baseadas na criação de gado e também em questões que envolve atividades tradicionais dos indígenas como pesca e plantação de roça, por exemplo.

A comunidade Central

Situada na Terra Indígena Raposa Serra do Sol, a comunidade Central é uma dentre várias outras comunidades que formam a região das serras (região norte da terra indígena Raposa Serra do Sol). A sua história é contada pelos próprios moradores e é diferente das outras comunidades pelo fato de ser a comunidade formada exclusivamente por uma família. Os anciões da comunidade ainda estão vivos e tem mais de 80 anos. Eles foram os fundadores da comunidade. Eles que perpassaram toda a

história para os mais novos, um conhecimento onde seus filhos mais velhos puderam ter esse acesso aos conhecimentos de caça, de pesca, de cultivo e criação. A comunidade esteve situada em dois lugares antes de se fixar na atual localização.

inicialmente localizavam-se a montante do rio Maú, num lugar chamado Bosque. Após mais de 15 anos, a comunidade se mudou para o que eles denominaram de “moradia fixa”, que fica a jusante do rio Maú e mais próximo à atual localização.

Figura 2: Migrações da comunidade Central.



Elaboração: Autores, jun. 2022.

Como exposto na figura 2, a comunidade teve duas fixações antes da atual. Uma das entrevistadas nos relatou que:

[...] Teve uma guerra na Guayana Inglesa e o vovô se mudou lá de onde era a casa do Eduardo para o que ele chamou de Central, no lado do Brasil. A guerra não nos atingiu, mas fez com que o vovô se fixasse no Brasil até hoje. Isso por volta de 1975. Ainda não tinha muitos garimpeiros naquela região. Quando os garimpeiros chegaram e abriram estradas, ele se mudou para ali perto do Catuqui. Ficamos lá durante as lutas contra os garimpeiros e criadores de gados, e também, a favor da demarcação da Raposa Serra do Sol. Quando esse período acabou, eles então se mudaram para onde hoje estão atualmente, lá no Boqueirão. Eles foram para lá porque o acesso a estrada é mais fácil e fica próximo à vila velha. Além disso, a ideia do vovô era usufruir daquilo que eles lutaram tanto para conseguir. Se não tivesse acontecido

essas lutas, a gente nem brasileiro seríamos. A gente ainda estaríamos morando lá na Guyana. (Entrevistada J. S. S., 08-01-2020, Comunidade Central – Uiramutã – Roraima).

Percebe-se que o contexto conflituoso sempre regeu as migrações da comunidade. Além disso, percebe-se que a ambígua nacionalidade sempre esteve presente e isso mostra demonstra que assim como seus antepassados, eles não tinham em seus ideais pertencer a algum país. Para eles, o sentido de estar e pertencer à algum lugar estava propriamente naquilo que os fazia bem, que eram as condições que a natureza oferecia para poderem viver, independente do lugar. (SANTILLI, 1997).

A comunidade Central tem 22 membros entre adultos e crianças, maior parte constituída por crianças. Como dito, a comunidade é uma grande família e os que casaram com alguém de fora, logo se desfizeram do (a) mesmo (a). Dessa forma, basicamente não tem “estranho” compondo a comunidade. Eles são unidos, pensam em coletividade e decidem as ações em conjunto. A comunidade Central responde a um polo, a comunidade Morro, e este por sua vez, responde a um centro regional que é a comunidade Maturuca. A comunidade Central só existe enquanto *status político* (comunidade) pelo fato de que ela fica num ponto estratégico, que é na área de fronteira, e isso era visto como positivo para a luta contra os garimpeiros e também era uma comunidade que tinha como um dos objetivos impedir a entrada de guianenses ingleses para o Brasil. Apesar de pertencerem ao mesmo povo, os macuxi da Guyana Inglesa não tem boas relações com os macuxi do Brasil. Segundo o entrevistado A. J. S.:

As boas relações que tinha como os guyanenses era quando havia festas em comum, como comemoração de aniversário de algum parente, de abertura de roça ou simplesmente um casamento. Mas fora isso, eles tinham ideias contrárias à nossa porque queriam sempre ficar do lado do civilizado. (Entrevistado A. J. S., 07-01-2020, Comunidade Central – Uiramutã – Roraima).

A escolha dos macuxi guianense de estar do lado dos não indígenas se deve ao fato deles praticarem as atividades exploratórias (garimpo) em conjunto com os garimpeiros que financiavam e davam retornos financeiros rápidos para as comunidades do lado daquele país.

A vida na comunidade Central

Durante o período de campo foi possível observar que a comunidade é muito influenciada pela paisagem que a rodeia. A paisagem é formada por relevo de serras, recursos hídricos abundantes e solos inférteis em sua maioria. Algumas áreas bem produtivas ficam em áreas que é conhecido como “vazantes”, que nada mais são que solos onde ficam os buritizais e que são encharcados de água que não secam durante a estiagem.

Ainda conforme as observações de campo, o fato de a comunidade estar localizada em área bastante escassa em recursos como caça, pesca e solo fértil, a alternativa para o fornecimento da alimentação foi a criação de gado bovino. Ainda assim, criar bois naquela região requer muito trabalho porque não há pastos adequados aos rebanhos, assim, os bois tem que subir serras para poderem se alimentar. Além disso, questões financeiras inibem o processo de compra de mantimentos aos rebanhos que até o momento da visita contava com cerca de 80 cabeças de boi. É uma estimativa porque a comunidade ainda não havia atualizado a contagem. O modo como criam gado é idêntico ao praticado pelos não indígenas: campeiam (visita ao pasto para ver como estão os bois), vacinam, confinam o bezerro quando estes nascem, algumas vezes tiram leite e quando há a necessidade vendem algumas cabeças.

Sobre a criação de gado, vale ressaltar que este é um projeto que visa assegurar territorialmente a permanência dos indígenas na região. Cavalcante (2010) ao analisar a inserção de gado na região se depara com trabalhos de Aldo Mongiano (2011). “Foi em Maturuca, comunidade localizada próxima ao Rio Mau, que se originou Projeto do gado, criação extensiva com caráter exclusivamente comunitário. Inicialmente o projeto intitulou-se “Uma vaca para o índio” que visava arrecadar das comunidades católicas na Europa, um capital de giro para compra de matrizes, com o objetivo de fomentar a criação de gado nas comunidades indígenas das serras de Roraima” (CAVALCANTE, 2010, p. 718). Ainda Cavalcante (2010) citando Mongiano (2011) afirma que: “A Itália foi o país mais generoso: chegaram doações de paróquias, de comunidades, de escolas, de

universidades, de padres, de bispos e até do Papa João Paulo II” (MONGIANO, 2011, p.61).

É necessário demonstrar que a atual conjuntura que se encontra a comunidade deve-se ao fato de haver esforços de ambas as partes, tanto de indígenas como de não indígenas a fim de poderem intervir e conter o avanço da destruição e de usurpação que estavam passando a terra do povo macuxi. Ao fazermos essa breve análise da criação do gado bovino, percebemos que já não há mais a tradicional atividade pesca e caça predominando no seu cotidiano.

Embora a atividade “do branco” (criação de boi) seja a que se sobressai, ainda há o trabalho na roça à moda local. Neste lugar planta-se principalmente a mandioca. Milho, feijão, arroz, batata, inhame. Com exceção da mandioca, esses outros produtos são plantados no período chuvoso, já a mandioca é cultivada no fim do período da chuva e início da estiagem. Dessa forma, durante o “inverno” e na estiagem eles ficam abastecido de alimentos que complementam com carne bovina e de pequenas criações como galinha e porco, conforme observado em campo.

Figura 3: Plantação de mandioca na roça da comunidade Central.



Fonte: Autores, jan. 2020.

Sobre a caça e a pesca na comunidade devemos ressaltar que a região atual não dispõe de tantas caças e peixes. Segundo o ancião da comunidade, eles se tornaram

escassos a partir do momento em que houve as invasões dos brancos com seus gados e maquinários para garimpo. De acordo com ele:

[...] Quando eu era mais novo, havia mitos veados e antas nessa região aonde estamos agora. O rio Maú era cheio de aimará e peixes de todo o tipo que a gente podia imaginar. Com o passar do tempo, meus filhos e eu começamos a ter dificuldade em encontrar esses bichos e dessa forma foram sumindo até chegar na situação de agora. Hoje para gente achar um veado, tem que recorrer à puçanga. Hoje em dia a nossa situação está difícil quanto a caçar ou pescar. (Entrevistado A. J. B., 08-01-2020, Comunidade Central – Uiramutã – Roraima).

Diante desses relatos, podemos afirmar que o cotidiano e o modo de trabalho na comunidade são restritos (pequenas plantações e pequenas criações) pelo fato de estarem limitados pelo pouco recursos financeiros e naturais como os já citados. Isso não significa que lhes faltam alimentos, muito pelo contrário. Além disso, repara-se que as atividades na roça são frequentes e que envolve principalmente as mulheres. Essas atividades envolvem o trabalho com a mandioca que é matéria-prima para bebida (caxiri) e comida (farinha, beiju, tapioca) da comunidade.

Figura 4: Farinha d'água sendo produzida na comunidade Central.



Fonte: Autores, junho, 2020.

Com a mandioca fazem principalmente a farinha e o caxiri, bebida tradicional entre o povo macuxi. O processo de fabricação da farinha na comunidade envolve as mulheres em quase todo o processo, exceto na extração e carregamento do produto (o

que esporadicamente ocorre, somente quando os homens não estão presentes para carregar). O processo começa com a extração da mandioca, após isso, descascam, lavam e ralam a mandioca e por fim colocam no forno até secar e empacotar.

Cotidiano, festas e religião na comunidade Central

Bethonico (2020) diz que a cultura macuxi está presente resistindo ao tempo e aos processos impostos pela sociedade branca brasileira. Essa resistência se faz presente principalmente pelo fato de que as lideranças locais perceberam o avanço da tecnologia e do modo de vida dos não indígenas e a usaram ao seu favor. Quando se fala que usaram a tecnologia ao seu favor, estamos falando de assimilarem o celular nos seus cotidianos para disseminar e passar principalmente o idioma para as crianças – essa dinâmica é bastante presenciada nas escolas locais. Quando tem acesso à internet eles procuram músicas que pessoas do povo produzem para ouvir, pois estes relatam em suas músicas as lutas, as histórias, os costumes do seu povo. O grupo local mais conhecido por eles é o *Caxiri na cuiá*, grupo este que se tornou regionalmente conhecido após lançar um CD onde relata a luta para conseguir homologar a Terra Indígena Raposa Serra do Sol.

Além desse sincretismo, a oralidade é importante na comunidade uma vez que é o principal meio para passar de forma objetiva e direta para o outro o idioma. Mas não é só isso, as histórias e alguns remédios são passados dessa maneira, já que ainda não dominaram e não tem ajuda para registrar em um livro ou arquivo digital para preservar assim os seus costumes. Sendo assim, a comunidade usufrui de muitos falantes, cerca de 90% dos seus membros falam o idioma macuxi, os que ainda não falam entendem o idioma.

Os seus costumes tradicionais como a dança, a festa e rituais são praticados algumas vezes ao ano. De acordo com a entrevistada C. J. B.:

Os nossos rituais são feitos quando alguém está precisando de ajuda e procuramos o pajé para poder fazer o trabalho. O pajé vem, faz o seu trabalho e pagamos com o que podemos, pode ser uma galinha, uma farinha... O pajé não cobra da gente, mas damos alguma contribuição que é nossa forma de agradecer. No ritual temos que ter fé para que possamos curar os nossos.

Temos sempre que obedecer ao pajé. (Entrevistada C. J. B., 08-01-2020, Comunidade Central – Uiramutã – Roraima).

Davi Kopenawa (2015) diz que a estrutura de um espírito bom em ajudar o nosso (povo) depende do nosso espírito bom. Durante a visita a comunidade percebeu-se que todos os membros da comunidade estavam no ritual de pajelança e que todos estavam quietos e orando enquanto a pessoa que estava enferma aguardava pacientemente o trabalho finalizar. Num momento de fala da pajé (Umbelina), ela fala a todos terem fé e aos que respondem: “fé nós temos e ele vai levantar”. Tudo em sincronia, como afirmara o xamã yanomami Kopenawa. A fé no poder do pajé é imensa na comunidade, apesar de haver assistência da SESAU (Secretaria de Saúde Indígena), que este por sua vez trabalha em harmonia com os pajés da região (que são poucos). A SESAU disponibiliza veículos que deslocam os pajés quando necessário.

Figura 5: A bebida caxiri.



Fonte: Autores, jan. 2020.

As festas que a comunidade comemora está relacionado a datas de aniversários de algum membro, festas de Natal, Ano Novo, festas cristãs são comemoradas normalmente. A religiosidade cristã (católica) está presente de forma intensa na comunidade. Eles associam, inclusive, o poder de cura dos pajés com os espíritos indígenas (Macunaima) e o deus cristão (Jesus) trabalhando juntos. As festas são regadas a (muita) fartura, tanto em alimentos (carne bovina, frango, peixe) quanto em bebidas. A bebida caxiri e o pajuaru são as mais consumidas, uma vez que a bebida alcoólica dos não indígenas é proibida. Sempre antes das festividades, há

uma preparação de alimentos e das bebidas, no geral dura cerca de 1 semana toda essa preparação de acordo com o tuxaua A. J. S

Ainda na questão da alimentação, principalmente nos “festejos”, em datas comemorativas, tem a presença da damurida. A damurida é um prato típico de praticamente todos os povos da região, e na comunidade Central não é diferente. Esta iguaria pode ser feita à base de carne bovina, suína, peixe, etc., depende de quem o faz, e o seu ingrediente principal é a pimenta. Durante o campo, na comunidade Central, não foi possível experimentar a damurida, no entanto, por experiência do autor é possível descrever o prato: é picante (depende da pimenta utilizada), sal a gosto, tem muito caldo e leva bastante carne. Ela pode ser consumida em até 3 dias, depende do armazenamento. Uma curiosidade: o prato é consumido nas três refeições diárias quando possível. É um prato essencial para a culinária e para o cotidiano de trabalho da comunidade.

Figura 6: A damurida na panela de barro.



Fonte: Ivonio Solon Wapichana, 2011.

Ainda que as invasões não indígenas trouxeram devastações estruturais enormes nas aldeias indígenas de Roraima, eles ainda preservam com muita dificuldade suas raízes (SANTILLI, 1997). Para Bethonico (2020), as questões relacionadas à cultura

devem ser preservadas ou mantendo-se a qualquer custo só através da prática. Para ela, todas essas manifestações culturais devem ser uma prática constante para que não se perca em meio ao avanço da sociedade industrializada. O membro A. J. S. diz que:

Quando estou em sala de aula, percebo que muitas crianças não ligam para a nossa história como povo. Elas só querem saber de internet, celular, novelas. Claro, concordo que essas coisas não devem ser proibidas, mas que devem ser apenas uma forma de distração, não uma prática que pode mudar toda nossa história como comunidade, como povo. (Entrevistado A. J. S., 09-01-2020, Comunidade Central – Uiramutã – Roraima).

Dessa maneira, observa-se que apesar de apresentarem certo aperfeiçoamento da tecnologia para a preservação da história por meio da música (questão levantada no início do texto), eles – principalmente as crianças – se tornaram suscetíveis às mudanças profundas e talvez irreversíveis em seus costumes e crenças.

A questão política na comunidade Central e arredores

Quando falamos de questões políticas na comunidade, devemos entender que sua importância e não devemos negar essa discussão, visto que, está dentro das relações interpessoais e intercomunitárias naquela terra indígena. Segundo o tuxaua A. J. S., a luta pela homologação da terra e após a sua homologação foram fatores determinantes para que muitas lideranças indígenas optassem por apoiar determinados partidos políticos.

Para fazerem as discussões de forma coerente e organizada, há representantes a seguir, Garzoni e Bethonico (2019) demonstram exemplos:

Em Roraima existem ainda organizações indígenas que tratam de temas ou segmentos específicos e que atuam em todas as comunidades, independente da composição étnica, como é o caso da Organização dos Professores Indígenas de Roraima (OPIRR) e da Organização das Mulheres Indígenas de Roraima (OMIRR), e outras que atuam nos aspectos políticos e produtivos (de gestão) das terras indígenas, como o Conselho Indígena de Roraima (CIR), a Sociedade de Defesa dos Indígenas Unidos de Roraima (SODIUR) ou a Associação dos Povos Indígenas da Terra São Marcos, além de organizações que atendem aos interesses de um grupo específico, como a Associação dos Povos Indígenas Wai-Wai (APIW), o Conselho do Povo Ingaricó (COPING) e a Hutukara Associação Yanomami (HAY). As organizações que tratam dos aspectos políticos e produtivos constroem redes de comunidades que estão a elas vinculadas e, durante as assembleias anuais, discutem questões internas, problemas existentes nas comunidades e demandas a serem encaminhadas

para instituições específicas, como educação, saúde, proteção das terras. (GARZONI E BETHONICO, 2019, p. 179).

As organizações acima influenciam as decisões da comunidade e os direcionam na melhor perspectiva possível de planejamento de atividades, seja cultural ou econômica. Como a comunidade está muito ligada com esses movimentos ela tem que de alguma forma optar por um partido. E seguem principalmente partidos ligados a causas indígenas na região como o Partido dos Trabalhadores (PT), por exemplo. O tuxaua da comunidade afirma categoricamente que “Se não tivesse a intervenção do PT na homologação, hoje a gente estaria na miséria porque os brancos iam nos maltratar e não iam nem deixar a gente andar pelo menos no rio”. (Entrevistado A. J. S., 09-01-2020, Comunidade Central – Uiramutã – Roraima).

A partir dessas afirmações podemos inferir que a cultura dos macuxis da Central está bastante associada aos costumes da sociedade não indígena brasileira e Central passa passou e passa por processos políticos. De certa forma, há o lado positivo nessa politização de decisões das comunidades indígenas no lado brasileiro, pois, como afirma Grant Baines (2006).

Figura 7: Reunião regional do Conselho Indígena de Roraima.



Fonte: Conselho Indígena de Roraima, 2021.

Considerações finais

A relação cultural que envolve Central é complexa, faz parte de um contexto maior, um contexto político-territorial e cultural bastante amplo que atinge os membros da comunidade em nível local na forma de mudanças de comportamentos políticos, religiosos, culinários, modo de plantar, de se locomover, dentre outros.

Os processos culturais, políticos e até mesmo econômicos tem relação direta com os brancos que há muito tempo tiveram contato com o povo macuxi. Percebe-se que a comunidade sente a necessidade e até mesmo falta de dias que outrora era marcado por tranquilidade em estar em sua terra com a confiança de que o amanhã viria sem nenhum problema a resolver que envolvesse sua moradia.

Os anciões são reflexos presentes de como o avanço de garimpeiros e criadores de gado modificam uma vida, uma cultura de um povo. As tecnologias como carros, remédios industrializados, comidas empacotadas e carnes congeladas fazem da comunidade uma sociedade industrializada, ao passo que esta, por sua vez resiste às mudanças principalmente através do idioma.

Portanto, esse trabalho demonstra que a comunidade Central é um exemplo de como a cultura, o modo de viver de um povo indígena é transformada quando em contato com outra. No caso em questão, um modo de viver que vem se transformando intensamente desde os anos 1970 com a entrada de não indígenas invasores que transformaram a vida não somente da comunidade Central, mas de um povo inteiro.

Conforme observado, a mudança no modo de viver gera um sincretismo. Os macuxi da Central agora convivem tanto com suas tradições, quanto com as do não indígena, essa última em forma de alimentação, de vestimenta, de música e idioma. De acordo com os próprios moradores, essa mudança não é de todo ruim, é um aprendizado. Essa ideia é vista no serviço de saúde onde coexistem a medicina tradicional do povo macuxi com seus pajés, benzederes (as) e os enfermeiros.

Dessa maneira, o modo de vida do povo macuxi se integra com a política na forma de luta pela soberania de suas terras. A assimilação de costumes como o uso de tecnologias (celular, Internet) agrega para o bem-estar, para a luta política, para denúncias de descasos. As questões políticas descritas neste trabalho são resultado de organizações feitas durante a luta pela homologação da terra e no contexto atual é aperfeiçoada para manter tal luta.

Referências

ALMEIDA, M. G. de. O geógrafo fenomenólogo: sua oralidade e escrita no/do mundo / The phenomenological geographer: his speech and writing of/in the world. **Geograficidade**, 10 (Especial), 38-47. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/geograficidade2020.100.a40096>, Acesso em: 24 de setembro de 2020.

BETHONICO, Maria Bárbara Magalhães (org.). **Os indígenas e o gado: cultura e história em Roraima**. – Boa Vista: Editora da UFRR, 2020.

CAVALCANTE, Ronalson Moura. Projeto do gado – “uma vaca para o índio”: processo histórico, organização e luta pelo território, Roraima: 1980 - 2009. **TEXTOS&DEBATES**, Boa Vista, n.18, p. 251-268, jan./jun. 2010.

GARZONI, Elionete de Castro; BETHONICO, Maria Bárbara de Magalhães. Região e etnorregião – um olhar a partir da realidade dos povos indígenas de Roraima, Brasil. **Caderno de Geografia**, v.29, Número Especial 2, 2019.

GRANT BAINES, Stephen A fronteira Guiana-Brasil e etnicidade entre povos indígenas. **Revista Brasileira do Caribe** [en linea]. 2006, VII (13), 197-210.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. Tradução de Beatriz Perrone Moisés. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MIRANDA, Janira Sodré. Macuxi, etno-história e história oral: possibilidades metodológicas para a historiografia indígena. Revista **Temporis** [ação] ISSN 2317-5516 | v.18 | n.1 | jan./jun. | 2018 | ano 21 p. 127-145 (de 269).

MONGIANO, Aldo. **Roraima entre a profecia e o martírio**. [trad. Pe. Schizzerotto], Diocese de Roraima, Boa Vista-RR, 2011.

SANTILLI, Paulo. Ocupação territorial Macuxi: aspectos históricos e políticos. In: BARBOSA, R. L. et. al. (Eds). **Homem, ambiente e ecologia no Estado de Roraima**. Manaus: INPA, 1997.

TAVARES, C.; ROSHA, J. Rapos Serra do Sol: Resistência dos rizicultores gera tensão em Roraima. **PORANTIM**. Brasília-DF, 2008. Nº 304, p. 8-9.

Fredson Antônio Souza da Silva - Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Rondônia (2020-2022), com ênfase na Geografia Humanista. Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas (2017). Professor da Rede Pública de Ensino do Estado de Rondônia (2017-atualmente). PIBIC 2016/2017 voltado para o estudo entre Geografia e Literatura.

Josué da Costa Silva - Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal de Rondônia (1989), Mestrado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (1994), Doutorado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (2000) e Pós Doutor pela Universidade Estadual de Londrina (2016). Atualmente é professor Titular do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Rondônia (UNIR) (2018). Tem experiência com graduação e pós-graduação, tendo coordenado o Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente (2004-2005) e o Programa de Pós Graduação em Geografia (2006-2010), ambos da Universidade Federal de Rondônia. Coordenador do G.E.P. Modos de vidas e Culturas Amazônicas-GepCultura

Recebido para publicação em 03 de novembro de 2022.

Aceito para publicação em 30 de novembro de 2022.

Publicado em 14 de fevereiro de 2023.